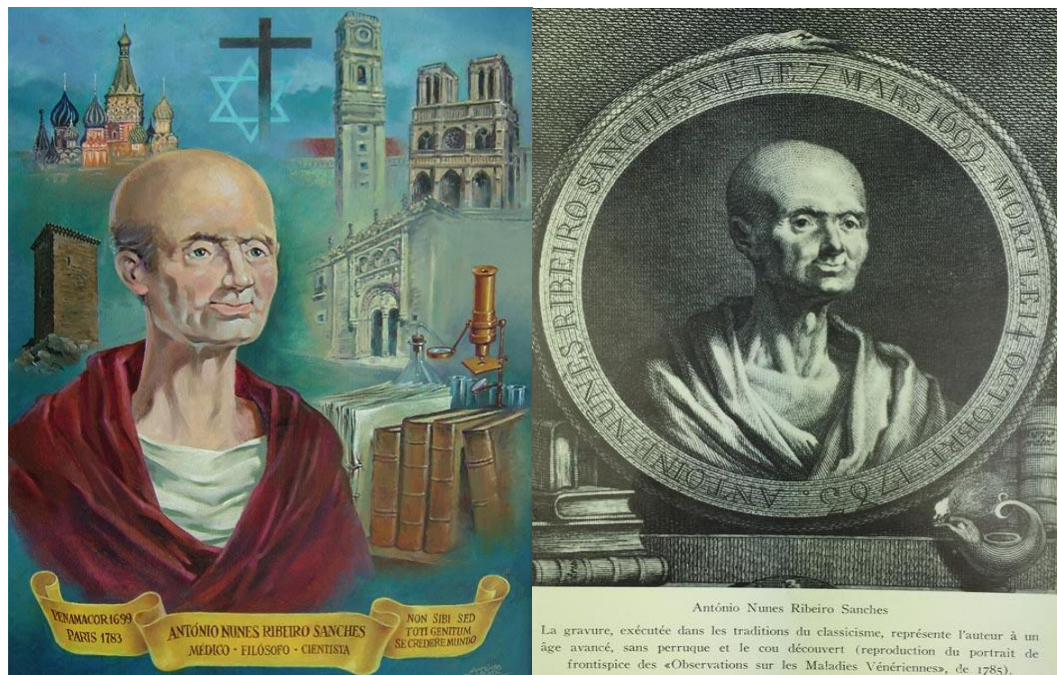


## A Educação da Mocidade no Ideário de Ribeiro Sanches

Ernesto Candeias Martins (IPCB/ESECB)



**Resumo:** A peregrinação de António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1782) por grandes centros intelectuais da Europa e as suas influências estão bem evidentes nos seus escritos. Ribeiro Sanches considerava que a mocidade não era preparada para ser boa, nem para ser útil à Pátria e, por isso, divulga nas *'Cartas para a Educação da Mocidade'* um conjunto de conhecimentos e uma civilidade (secularização), vinculada às intenções do Estado da época, com pressupostos filosóficos e científicos modernos, que fossem a base do ensino laico. Estes propósitos seriam propagados, tendo no subsídio literário (cobrança impostos) o modo de pagar aos professores e de modernizar o método de ensino baseado na lógica cartesiana. Em suma, há uma ressonância das ideias de Ribeiro Sanches com as várias iniciativas pombalinas, revelando que as ideias e as ações circulavam e se entrelaçavam na época e, daí a criação do Real Colégio dos Nobres (1766), da Real Escola Náutica do Porto (1762), da Real Mesa Censória (1768), organismo que superintendia o Diretor dos Estudos e, ainda, a criação da Junta de Providência Literária (1770). Para o médico pedagogo, as escolas deviam ser abertas e controladas pelo Estado, particularmente as de primeiras letras, onde se elaborasse um 'catecismo da vida civil' para ensinar às crianças as obrigações, valores, conhecimentos e condutas (havia castigos e prémios), através de livrinhos em português. Ou seja, o livro escolar servia para instruir comportamentos e ações para com os outros na vida social.

António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1782), de família de cristãos-novos, nasceu em Penamacor em 1699 e faleceu em Paris, em 1782. Estudou na Guarda, nas aulas de filosofia

Martins, Ernesto C. (2005). A Educação da Mocidade no Ideário de Ribeiro Sanches. In: Ernesto C. Martins (coord.), *A Renovação pedagógica & La Renovación pedagógica - Atas do Vº Encontro Ibérico de História da Educação Coimbra/C*. Branco: Alma Azul, p. 513-515

dos jesuítas em Coimbra (1716-1720) e medicina na Universidade de Salamanca. Este médico (exerceu a medicina na zona de Benavente), de grande prestígio europeu, foi também um insigne pedagogo e escritor no seu tempo. Por causa da inquisição saiu do país aos 27 anos, onde nunca mais voltou, viajando por vários países europeus. Manteve contatos com intelectuais de várias vertentes científicas, em Gênova, Montpellier, Bordéus e Londres, partindo posteriormente para Holanda, onde foi discípulo do médico H. Boerhaave (1668-1738) e, em 1731 vai para Rússia exercer a função de médico do Exército, na Corte da Imperatriz Ana Ivanowna e na Academia de Ciências de S. Petersburgo. Por motivos políticos parte para Paris onde publicará escritos de políticas científicas e educativas, muitas delas incorporadas nas reformas pombalinas, ao longo do século XVIII, pois tinha grande contacto com D. Luís da Cunha e Marquês de Pombal, para além de colaborar na reestruturação da Universidade de Coimbra, especialmente no currículo de medicina.

As questões da educação e do ensino mereceram um grande interesse logo após conhecer o Alvará de 28/06/1759, onde se decretou a nova metodologia para as escolas menores, depois da expulsão dos jesuítas. O seu pensamento educativo é uma expressão viva dos novos quadros de ideias e de ação política que triunfaram por toda a Europa da época (iluminismo, absolutismo). Este vulto português mais proeminente do século das luzes redigiu uma obra pedagógica intitulada '*Cartas sobre a educação da mocidade*' (Paris, 1760), um ano anterior à criação do Colégio Real dos Nobres, onde expõe o Plano Geral da educação, desde o ensino primário ao universitário, dividindo a mocidade em 3 grupos sociais, já que entendia que o povo não devia estudar, apesar de apoiar a criação de escolas ('pensões') nas vilas e cidades. A educação da mocidade devia ser em colégios internos, com um ensino permanentemente vigiado onde habitassem os professores e auxiliares e os educandos aprendessem a ler e a escrever.

O pensamento de Ribeiro Sanches apresenta uma visão pedagógica na defesa de uma educação cívica expressa num catecismo da vida civil, na igualização do trato aos nobres, no estudo das línguas vivas e nas aulas de atividades físicas. Tem uma rigidez normativa das convicções, a divisão da sociedade em classes estanques, etc. Com o Marquês de Pombal, Ribeiro Sanches, convence-se que a nação portuguesa podia acelerar o seu percurso histórico e recuperar o atraso que tinha, através da modernização e aperfeiçoamento daquilo que considerava ser o 'verdadeiro Estado Civil e Político, de que o Marquês seria o principal artífice. Para ele a 'educação da mocidade' seria o instrumento e o meio através dos quais a Nação se aproximaria das outras nações europeias. Intenta explicar cabalmente as razões da situação da escola portuguesa, já que 'toda a educação que teve a Mocidade Portuguesa, desde que no Reino se fundaram escolas e universidades, foi meramente eclesiástica ou conforme os ditames dos eclesiásticos (. . .)' (Sanches, 1922). Empenhou-se em mostrar como os eclesiásticos quiseram governar e governaram o Estado Civil pelas regras e constituição de conventos e catedrais.

De facto, as modificações no ensino propostas por Ribeiro Sanches contribuíram para o desejado processo civilizador (contributos do Iluminismo) das Reformas Pombalinas no

Martins, Ernesto C. (2005). A Educação da Mocidade no Ideário de Ribeiro Sanches. In: Ernesto C. Martins (coord.), *A Renovação pedagógica & La Renovación pedagógica - Atas do Vº Encontro Ibérico de História da Educação Coimbra/C*. Branco: Alma Azul, p. 513-515

sistema educativo, destacando-se o ensino do português nos estudos menores e nos maiores. Dividia, no dizer de R. Carvalho (1986: 439-440) a *'mocidade em três grupos sociais, cujo destino escolar nada tem a ver com as capacidades dos componentes dos grupos, mas apenas com a sua situação social. Os grupos são o povo, a classe média e a nobreza'*, já que para Ribeiro Sanches nem todos deveriam frequentar a escola: *"não convém uma educação tão mole a quem há-de servir à república, de pés e de mãos, por toda a vida"*.

Ao longo das suas obras de cariz filosófico e social e/ ou filosófico-pedagógico (por exemplo: *'Método para aprender e para estudar a Medicina'*, 1761; *'Apontamentos para se fundar uma Universidade Real na cidade do reino que se achasse mais conveniente'*, 1763), onde evidencia a sua conceção de estado e uma confiança ilimitada no iluminismo, na esteira de J. Locke, Rousseau, Hércules, Montesquieu, etc. A legitimidade e o fundamento desta conceção do Estado esta *'naquele consentimento dos povos a obedecer e servir com as suas pessoas e bens ao Soberano ( .. ) consentimento recíproco'* (Sanches, 1922). O estado seria um corpo civil e sagrado, resultante do juramento de fidelidade mútuo entre o Soberano e os súbditos. Conhecedor das ideias educativas da época, Ribeiro Sanches explana a sua filosofia educacional e os instrumentos de gestão e administração educativa (organização escolar e curricular, os programas e conteúdos, os regulamentos, etc.). Pretendia este médico pedagogo com os seus princípios reformadores que os educandos *"saíam das escolas com os conhecimentos das primeiras noções das coisas naturais e das coisas civis; com juízo tão bem formado que saibam o que é útil a si e à pátria, o que é lícito, o que é decente; e quem sai com estes elementos das escolas, os adiantará facilmente na Sociedade Civil pela leitura e pelo trato dos homens instruídos"* (Sanches, 1922).

Em suma, há uma ressonância das ideias de Ribeiro Sanches com as várias iniciativas pombalinas, revelando que as ideias e as ações circulavam e se entrelaçavam na época e, daí a criação do Real Colégio dos Nobres (1766), da Real Escola Náutica do Porto (1762), da Real Mesa Censória (1768), organismo que superintendia o Diretor dos Estudos e, ainda, a criação da Junta de Providência Literária (1770). Para o médico pedagogo, as escolas deviam ser abertas e controladas pelo Estado, particularmente as de primeiras letras, onde se elaborasse um *'catecismo da vida civil'* para ensinar às crianças as obrigações, valores, conhecimentos e condutas (havia castigos e prémios), através de livrinhos em português. Ou seja, o livro escolar servia para instruir comportamentos e ações para com os outros na vida social. A educação serviria para formar um súbdito obediente e diligente no cumprimento das suas obrigações. Por isso, a *'educação da mocidade'* era o hábito adquirido pela cultura e pela orientação e ensino dos mestres, associado ao bom exemplo dos pais e à normativa legislativa. Defende um modelo estatal de ensino centralizado para as escolas *'menores e maiores'*. Há ainda por investigar historicamente em Ribeiro Sanches a seriedade das suas propostas pedagógicas e de ensino (o impacto posterior na política educativa), a sua filosofia política e social, a economia política, os seus conhecimentos de medicina europeia e, sobretudo se ele foi um proficiente colaborador das reformas pombalinas. A sua obra, tão expressiva de conceitos,

Martins, Ernesto C. (2005). A Educação da Mocidade no Ideário de Ribeiro Sanches. In: Ernesto C. Martins (coord.), *A Renovação pedagógica & La Renovación pedagógica - Atas do Vº Encontro Ibérico de História da Educação Coimbra/C*. Branco: Alma Azul, p. 513-515

deve ser traduzida na divisa que ele estampou no seu armorial privativo: '*Nec sibi, sed totti genitum se credere mundo*'.

## Bibliografia

BOTO, Carlota (1998). Enciclopedismo de Ribeiro Sanches: pedagogia e medicina na confecção do Estado. *História da Educação*, nº 4, p.107-117.

CARVALHO, Rómulo de (1986). História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano. Lisboa: F.C.G.

FERNANDES, Rogério (1992). *O pensamento pedagógico em Portugal*. 2 ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/ME.

LEMOS, Maximiano (1911). *Ribeiro Sanches, a sua vida e a sua obra*. Porto: Tavares Martins.

SANCHES, António Nunes Ribeiro (1922). *Cartas sobre a educação da mocidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade (Biblioteca do Século XVIII/ Máximo de Lemos –Prefácio e notas)

SANCHES, António Nunes Ribeiro [19--]. *Cartas sobre a educação da mocidade*. Porto: Domingos Barreira, - 236 p., 2 f. ; 19 cm. - (Coleção Portugal 25/ Joaquim Ferreira Gomes –Prefácio/Notas)

SÁ, Victor de (1980). *Ribeiro Sanches: 'Dificuldades que tem um Reino Velho para emendar-se' e outros textos* (Seleção, apresentação e notas de Victor de Sá). Lisboa: Livros Horizonte

